

Corações inquietos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ravasi, Gianfranco

Corações inquietos: os jovens na Bíblia / Tradução de Dom Hilário Moser – São Paulo: Paulus, 2025.

ISBN 978-85-349-5911-7

Título original: *Cuori inquieti: i giovani nella Bibbia*

1. Bíblia - Estudo e ensino 2. Jovens - Histórias bíblicas

I. Título II Moser, Hilário

25-4659

CDD 220.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia – Estudo e ensino

Cardeal Gianfranco Ravasi

Tradução:

Dom Hilário Moser

Corações inquietos

Os jovens na Bíblia



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Cuori inquieti: i giovani nella Bibbia*

© 2018 Edizioni San Paolo s.r.l.

Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano) - ITALIA

www.edizionisanpaolo.it

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Assessoria bíblica

Pe. Paulo Bazaglia

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Lucas Giron

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Pe. Zolferino Tonon

Design

Victoria Cristina da Silva Eduardo

Imagens

© iStock (capa), © Freepik (miolo)

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5911-7

Índice

INTRODUÇÃO

- 9 Um guia para a leitura
- 10 A psicologia da idade evolutiva
- 12 *Digito, ergo sum*

ANTIGO TESTAMENTO

- 19 Dois irmãos, dois tipos opostos
- 21 Brincadeiras de meninos e ciúmes de mulheres
- 23 No topo da montanha do sacrifício
- 25 O segundo que se torna o primeiro
- 27 Uma jovem violentada
- 29 O filho mais novo e predileto
- 32 José e seus irmãos
- 34 Dois jovens herdeiros
- 36 A esposa estrangeira de Moisés
- 38 Um jovem sucessor
- 41 Um jovem comandante inexperiente
- 43 A vítima de um voto
- 45 A jovem bisavó de Davi
- 47 Um velho e um jovem
- 49 Um rapaz de cabelo ruivo
- 51 Um jovem rebelde

- 53 Estupro infame
- 55 A jovem de Suném
- 57 Um presente régio
- 59 Jovens e velhos políticos
- 61 Duas tragédias familiares
- 63 Um servo avarento
- 65 As aventuras de dois jovens apaixonados
- 67 Uma jovem “estrela”
- 69 Jovens anjos
- 71 Sete jovens mártires
- 73 O amigo mais jovem de Jó
- 75 A mochila do jovem
- 77 A pedagogia da vara
- 79 Na escola
- 81 A catequese familiar
- 83 O moço e a prostituta
- 85 Aproveita, meu jovem
- 87 Ele e ela
- 89 Um jovem arrebatado deste mundo
- 91 Velhice e juventude
- 93 O profeta menino
- 95 Jovens que choram
- 97 Uma jovem ingrata e traidora
- 99 Três jovens heróis
- 102 Uma jovem chantageada

NOVO TESTAMENTO

- 107 O jovem Jesus
- 107 A maioridade e o crescimento
- 109 A cronologia
- 110 A carteira de identidade
- 112 Os irmãos e as irmãs de Jesus
- 115 Jesus era celibatário ou casado?
- 119 Que profissão exerceu o jovem Jesus?
- 121 Que línguas Jesus falava?
- 123 Jesus sabia ler e escrever?
- 125 Dois jovens difíceis
- 127 Os garotos do porão
- 129 Uma vocação frustrada
- 131 Um pai e sua filhinha
- 133 Uma jovem cúmplice
- 135 O rapaz do lençol
- 137 O discípulo amado
- 140 Um jovem chamado Saulo
- 142 Um sermão muito longo
- 144 Um jovem colaborador de Paulo
- 146 Jovens viúvas
- 149 Velhos e jovens juntos
- 152 BIBLIOGRAFIA

Elogiemos sim os jovens, exaltemos a adolescência, contemplemos encantados a infância. Mas lembremos também que os homens que renovaram o mundo sempre saíram de escolas onde os caprichos e impulsos da juventude eram corrigidos e contidos, e onde os meninos tomavam por modelo os homens e sua inalterada e comprovada virtude. Foi sempre a videira que se agarrou ao olmo, não o olmo à videira.

Ugo Ojetti, Cose viste



INTRODUÇÃO

Um guia para a leitura

O fio condutor natural para visitar esta galeria de mais de cinquenta retratos de jovens é seguir o itinerário traçado pelas próprias Sagradas Escrituras e, portanto, partir de um trágico par de jovens irmãos, como Caim e Abel, e chegar até às figuras juvenis do Novo Testamento. Mas poderíamos também sugerir ao leitor uma variante importante: antecipar, em relação aos personagens apresentados, uma pessoa que está acima de todas as demais, embora nunca tenha sido considerada jovem, uma figura central da Bíblia, que viveu pouco mais de 30 anos.

Queremos referir-nos a Jesus de Nazaré, para quem reservamos um espaço excepcional ao abordarmos o Novo Testamento. Temos muitas perguntas sobre ele, algumas delas até impertinentes, mas que podem ser feitas a qualquer jovem: qual era sua identidade? Quais são as datas mais importantes de sua vida? Como foi seu desenvolvimento físico e psicológico? Qual era sua aparência? Tinha irmãos e irmãs? Era solteiro ou casado? Que profissão exercia? Que línguas falava? Sabia ler e escrever? É um retrato que normalmente encontramos só de forma parcial nas vidas de Jesus, a menos que sejam romanceadas ou brotem de visões pias e fantasiosas. Em vez disso, procuraremos apegar-nos aos poucos dados históricos e contextuais disponíveis; talvez de forma surpreendente, despondará um rosto totalmente novo, o do jovem Jesus, filho de Maria, guardião, em sua pessoa, de um mistério transcendente.

Nesta nossa introdução não gostaríamos propriamente de delinear a sequência de jovens que a Bíblia nos oferece, mas de sublinhar um dado geral um tanto desconcertante: nesses retratos prevalece certo senso de vazio, uma dimensão às vezes negativa, em alguns casos até trágica, das diversas vidas juvenis. A Palavra de Deus, na verdade, não é uma série asséptica de teses e teoremas teológico-espirituais, mas um caminho por dentro da história humana, com suas contradições, limites e esplendores, mas também em meio à escuridão da morte, do mal e do pecado. Desse chão concreto não se decola rumo a céus míticos e mistificantes mediante de um processo de alienação; por outro lado, é precisamente nesse chão que Deus lança a semente da esperança e da salvação.

Como Jesus disse numa famosa parábola, apesar de terras áridas, pedregosas e espinhosas, há um espaço fecundo para a semente crescer e se tornar espiga. Assim vai acontecer também com essas histórias de jovens que iremos propor. Primeiro, porém, é necessário oferecer algumas notas – sempre de caráter geral – sobre uma realidade vital que todos nós já vivemos ou estamos vivendo.

A psicologia da idade evolutiva

É nossa intenção sugerir aqui algumas considerações sobre o tema da juventude enquanto idade e estado existencial e social. Trata-se de umas poucas ideias, muito essenciais e simplificadas, que se somam às considerações eclesiais e pastorais do Sínodo dos Bispos de outubro de 2018, dedicado precisamente aos jovens, à fé e ao discernimento vocacional. Começemos com uma observação mínima, traçada na linha de um horizonte vasto e complexo como é o psicológico.

A idade evolutiva é um dos muitos ramos de uma disciplina que atualmente está na boca de todos, a *psicologia*. Poucos sabem que esse termo foi cunhado por um teólogo humanista luterano alemão, Filipe Melâncton (1497-1560), embora com conteúdo e propósitos diferentes dos de hoje. Como se sabe, a psicologia da

idade evolutiva estuda processos físicos e interiores, biológicos e espirituais, mentais e morais que fazem a criatura humana passar da infância à adolescência e da adolescência à juventude. É um itinerário admirável que, no entanto, também conhece crises e dilacerações, e que inclui um processo muito variado de amadurecimento. Ele ocorre em diferentes registros: ao âmbito sexual e afetivo soma-se o cognitivo e estético; à experiência social e comunitária soma-se a formação religiosa e moral pessoal.

Essa é particularmente complexa e constitui um objeto de especial interesse e pesquisa para os objetivos da nossa reflexão. As análises realizadas em nível fenomenológico registram diferentes etapas da evolução juvenil, classificadas ou organizadas de diversas maneiras. Um dos exemplos mais conhecidos é o perfil traçado pelo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927-1987), detalhado em vários ensaios como *A filosofia do desenvolvimento moral* (1981) e *A psicologia do desenvolvimento moral* (1984). Esse professor da prestigiosa Universidade Harvard, nos Estados Unidos, mediante uma série de entrevistas com crianças, adolescentes e jovens (o projeto chamava-se “Entrevista de Juízo Moral”), distinguiu três etapas da evolução ética dessas idades.

A primeira, “pré-moral”, é a fase da obediência às normas apenas para evitar a punição. A segunda, “de conformismo”, reflete a adaptação a elas para evitar o sentimento de culpa induzido pela censura da autoridade. Por fim, desponta a fase dos “princípios”, quando se adere aos cânones da vida moral, considerados objetivos, com convicções amadurecidas, compartilhadas e conscientes. Sem entrar no mérito dessas e de outras estruturas organizadoras de uma realidade muito delicada, móvel e decisiva, como é precisamente a evolução da adolescência à juventude e à maturidade, fazemos notar que a própria Palavra de Deus pode ser um guia para decifrar, discernir e apoiar esse processo antropológico fundamental. Um processo que a Bíblia desmistifica, superando um estereótipo bastante comum que combina juventude com felicidade.

O escritor francês Albert Camus, então com pouco mais de 20 anos (1936-1937), num dos seus ensaios, “O verão em Argel”, observou: “Sinal de juventude talvez seja uma vocação magnífica à felicidade fácil. Acima de tudo, porém, é uma fúria de viver que beira o desperdício; a vida escorre seguindo a curva das paixões grandes e repentinas, exigentes, generosas. Não é, porém, para construir, é para queimar”. Pois bem, a Bíblia põe por terra realisticamente esse mito da “felicidade fácil”, ligada apenas ao gozo imediato e à mera fisicalidade. Basta pensar no que significa a ilusão da eterna juventude, já ilustrada no famoso *O Retrato de Dorian Gray* (1891), do escritor irlandês Oscar Wilde, e agora fisicamente confiado à cirurgia estética ou às dietas, academias, tratamentos de beleza tão populares em nossos dias. Há, no entanto, outro aspecto que a nossa contemporaneidade exaltou com a chegada e a dominação cada vez mais imperiosa da civilização digital, que tem nos jovens seus seguidores “nativos”. É um aspecto social e comunitário que iremos considerar.

Digito, ergo sum

“Dos velhos, vocês dizem as mesmas coisas que nós dizíamos quando éramos crianças. Está certo. Mas um dia, outras crianças dirão o mesmo de vocês.” Essa observação de São João XXIII, em sua simplicidade, sinaliza um dado histórico constante, a superação crítica que as gerações produzem em sua sucessão. Isso também é verificável nos nossos dias; porém, com um índice de tensões bem maior. Na verdade, a chamada “revolução digital” está criando um modelo humano profundamente inovador, a ponto de dar origem aos “nativos digitais”: crianças, adolescentes e jovens que usam uma nova forma de comunicação e, como consequência, de existência, em comparação com gerações anteriores.

Copiando o famoso lema do filósofo Descartes, “*cogito, ergo sum*” (“penso, logo existo”), que aprendemos na escola, cunhou-se um curioso “*digito, ergo sum*” (“digito, logo existo”), porque estou

conectado informaticamente com o mundo. Um rapaz que passa cinco horas por dia no computador se comunica de maneira diferente de nós, adultos ou velhos, que nos encontramos cara a cara, discutimos de forma direta, intuímos o pensamento oculto de quem está à nossa frente, escrevemos cartas à mão, bem detalhadas, um para o outro. Agora, em vez disso, o que domina é o diálogo frio da linha de bate-papo; o outro é essencialmente um ícone que pode ser falsificado como eu quiser, e a linguagem é simplificada, muitas vezes confiada aos 140 (ou 280) caracteres do *tweet* ou aos sinais reduzidos (*emoticons*) da mensagem do celular.

É, portanto, legítimo falar de uma virada radical que, embora mantendo o fosso crítico entre as gerações a que aludiu o papa João XXIII, enche-o com problemas e dimensões completamente novas e inesperadas. Precisamente por isso costumamos falar de uma “questão juvenil” que revela uma identidade específica em relação à tradicional relação “pai-filhos”, objeto de constante consideração, como já sugeria o famoso título do homônimo romance que o escritor russo Ivan Turgenev publicou em 1862: *Pais e filhos*. Ou como, num sentido mais explicitamente negativo, apontava a famosa obra *Pai patrão*, de Gavino Ledda (1975), que em 1977 se tornou um conhecido filme dos irmãos Taviani.

O filósofo Benedetto Croce (1866-1952) escreveu: “Não há mais nada a dizer aos jovens, a não ser: conquistem sua própria verdade... Na passagem das nossas mãos para as de vocês, as verdades viram ramos secos, e só vocês têm o poder de torná-los verdes novamente”. É uma reflexão que tem sua força indiscutível, verificável especialmente então, em anos em que tentávamos reanimar o nosso país [Itália] dos escombros da guerra e da asfixia da ditadura. Agora, porém, essa consideração parece estar murchando. É claro que os jovens merecem sua verdade, mas muitas vezes ela é apenas um reflexo pálido, carregado de lugares comuns e muitas vezes de rombos do vazio.

E nós, da geração anterior, com a nossa indiferença, nossos sermões moralistas, a ausência de valores genuínos, entregamos ramos

secos que os jovens rejeitam e não podem fazer reverdecer. Cria-se, assim, uma espécie de deserto comum em que nos arrastamos, nós com alguma luz opaca, eles em meio a uma neblina cinzenta que não promete um futuro e um horizonte diferentes. No entanto, precisamente porque “o homem ultrapassa infinitamente o homem”, como escreveu outro grande filósofo, o francês Blaise Pascal, permanece na alma dos jovens uma semente de inquietação positiva, uma centelha de vitalidade interior, um frêmito de esperança.

Foi o que o papa Francisco insinuou em julho de 2016 numa videomensagem, no encontro ecumênico de jovens *Together* (Juntos) de Washington: “Eu sei que há algo em seus corações que os deixa inquietos, porque um jovem que não é inquieto é um velho”. É a inquietação de Santo Agostinho, que anseia por um encontro com a plenitude divina, de modo que, um tanto paradoxalmente, podemos dizer que, enquanto estivermos inquietos, podemos também estar tranquilos. Para estimular e manter viva a chama dessa tensão saudável – que não é descontentamento e insatisfação, mas busca e espera, um papel significativo é desempenhado pela Palavra de Deus. Neste volume, dedicado tanto aos adultos, para que sejam capazes de oferecer aos jovens “ramos verdes”, quanto aos jovens, para que saibam acolhê-los e plantá-los no solo do seu tempo, a Bíblia – como dissemos – fará desfilar diante dos nossos olhos uma galeria de figuras e histórias de adolescentes e jovens.

Claro, seguiremos o enredo da Bíblia do começo ao fim, mas selecionaremos alguns textos, como *flashes* fotográficos, ou seja, páginas e cenas livremente escolhidas e destinadas a focar os esplendores e as misérias da juventude daquela época não muito diferente da de hoje, apesar das mutações que mencionamos: os esplendores, para redescobrir o compromisso e o otimismo; as misérias, para um exame de consciência. Queremos delimitar esses dois campos precisamente mediante dupla citação bíblica que, por um lado, é fonte de uma severa advertência e, por outro, de operante confiança. Negativamente, logo na abertura da Sagrada Escritura, ressoa esta dura advertência divina: “As tendências do coração

humano estão inclinadas ao mal desde a adolescência” (Gn 8,21). Contudo, “mesmo que o pecado esteja agachado à tua porta e tenha muita inclinação para ti, tu podes dominá-lo” (Gn 4,7).

Positivamente, para continuar o diálogo fecundo entre as gerações proposto pelo filósofo Benedetto Croce, eis o doce e forte apelo otimista que São João nos deixa em sua primeira carta:

Eu vos escrevo, filhinhos, pois os vossos pecados são perdoados por causa do seu nome. Eu vos escrevo, pais, porque conheceis aquele que é desde o princípio. Eu vos escrevo, jovens, porque vencestes o Maligno. Eu vos escrevi, filhinhos, porque conheceis o Pai. Eu vos escrevi pais, porque conheceis aquele que é desde o princípio. Eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes, a Palavra de Deus permanece em vós e já vencestes o Maligno (1Jo 2,12-14).

Por fim, uma observação curiosa. A palavra mais usada no Antigo Testamento, depois do nome divino *YHWH* (“Iahweh”/Javé), é *ben*, isto é, “filho”. Por isso, a Bíblia, de certa forma, pode ser vista como um livro de filhos bons e maus que, no final, veem entrar em cena no meio deles o Filho por excelência, Jesus Cristo. É interessante observar, também, que a palavra *ben* deriva do verbo hebraico *banah*, que significa “construir, edificar”: na verdade uma casa/família cresce com paredes feitas de pedras vivas e salientes para o alto e para o futuro, que são os filhos. É o que claramente expressa um salmo: “Se o Senhor não construir [*banah*] a casa, em vão trabalham os que a constroem. [...] Eis a herança do Senhor, os filhos [*ben*], e a sua recompensa, o fruto do ventre. Como as flechas na mão do guerreiro, assim os filhos [*ben*] da juventude” (Sl 127[126],1.3-4).

Antes citamos as palavras de um papa, agora vamos concluir com a advertência aguda de outro, o papa São Paulo VI: “Hoje, muitos falam *dos* jovens; mas poucos, assim nos parece, falam *aos* jovens”.